

Povos Indigenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 10

Data 20 de setembro de 1987 Pg.: 50

Eletronorte fecha comportas de Balbina

MANOEL DE LIMA
Correspondente em Manaus

A Eletronorte começou a fechar as duas primeiras das oito comportas da barragem da Usina Hidrelétrica de Balbina, que está sendo construída desde 75 no rio Uatuman — a 146 quilômetros, em linha reta, de Manaus —, para a formação do lago artificial de 1.580 quilômetros quadrados de extensão. As comportas terão de ser fechadas até 30 de outubro, quando começa o período das enchentes dos rios na Amazônia. Com o início da entrada em operação das cinco turbinas de 50 mil kW cada uma em outubro de 88, a Hidrelétrica de Balbina, que representará economia média de US\$ 35 milhões por ano para o País, ao mesmo tempo que se transformará na redenção econômica de Manaus, é a eterna dor de cabeça dos cientistas, que vêem na formação do grande lago a morte e a destruição do ecossistema da região. Se dependesse dos cientistas, Balbina não teria sido construída — como as demais hidrelétricas na Amazônia — e Manaus estaria fadada a um grande blecaute, porque o atual parque termoeletrico já se encontra em fase de saturação, na iminência de colapso total.

As divergências entre técnicos da Eletronorte e cientistas quanto aos prejuízos que Balbina causará ao meio ambiente da região são as mais diversas, com discussões até hilariantes, principalmente pela disseminação de informações distorci-

das quanto ao que realmente, a hidrelétrica provocará em termos de destruição do meio ambiente. "O lago de Balbina não será maior nem igual à Baía da Guanabara como querem os cientistas", garante o assessor especial da presidência da Eletronorte, Jaime Pereira, ao se opor à afirmação do cientista Herbert Schubart, presidente do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa): "tudo será destruição, morte, uma verdadeira catástrofe para o meio ambiente". Schubart baseia-se em levantamentos feitos por cientistas na área de influência de Balbina. Os cientistas dizem que até agora não sabem como a Eletronorte deverá evitar "essa catástrofe". Segundo eles, a estatal não providenciou a retirada da madeira da floresta a ser inundada pelo lago, nem os animais que vivem nas terras baixas a serem inundadas.

"Não poderíamos derrubar a floresta porque isso levaria, pelo menos, dois anos, e o custo disso equivaleria ao valor global da usina", diz Jaime Pereira, ao informar que a Eletronorte fez um estudo com a participação de cientistas europeus de que a melhor solução seria não retirar a madeira do lago, pois a brota das árvores é que poderia criar sérios problemas para o funcionamento das turbinas da usina. Quanto aos animais — alguns roedores, antas, veados, capivaras e macacos, animais que não estão ameaçados de extinção —, a Eletronorte decidiu pelo salvamento científico da fauna, não partindo para o trabalho de



Em 84, início da barragem. Hoje, protesto dos ecologistas

captura, como foi feito em Tucuruí, no Pará.

"Aquilo foi um verdadeiro show aquático para a televisão", lembrou Jaime Pereira, referindo-se ao fato de homens-rãs terem tentado a retirada por meio da captura manual de cobras, onças e demais animais da área do lago de Tucuruí. O salvamento científico será feito com aqueles animais indefesos que não conseguirem fugir das águas com o enchimento do lago. "Afim, o lago não estará cheio em 24 horas nem

será um lago livre de florestas e terras", observa Jaime Pereira, no que é contestado pelos cientistas: "Os animais têm sentimento de vida. Ao sentirem que morrerão afogados, porque não têm vivência com a água, começarão a procurar abrigo. E quando haverá a morte total, uns matando os outros na ansia de fugir do holocausto", diz Herbert Schubart.

Pelas plantas geométricas e de levantamentos hídricos da região, o nível máximo normal do reservató-

rio está estabelecido na cota de 50 metros acima do nível do mar e o nível mínimo normal da cota é de 46 metros. Na cota 46, que permanecerá pelo menos durante os primeiros dois anos de funcionamento da usina, a formação do lago criará um verdadeiro arquipélago fluvial, com centenas de ilhas ao longo do reservatório, e ainda manterá uma floresta. É que a região do rio Uatuman tem uma topografia muito acidentada, com morros de até duzentos metros de altura, e uma floresta com árvores gigantescas, alguns milhares delas chegando a cinquenta metros de altura. "A natureza é prodigiosa com o mundo animal", afirma Jaime Pereira, "e os morros e a floresta que restarão na área acima do nível das águas da barragem servirão de abrigo para os animais. Assim, não haverá nenhum holocausto".

OS ÍNDIOS, LONGE

Iniciadas as obras em 75, e com sucessivos atrasos no seu cronograma, Balbina deveria entrar em funcionamento em meados de 82. Os atrasos, no entanto, levaram a Eletronorte a aumentar o parque termoeletrico de Manaus para atender à demanda de energia sempre crescente do parque industrial da Zona Franca. Balbina deverá, inicialmente, fornecer entre 100 e 118 mil kW de energia hídrica, que se juntarão aos 228 mil kW de energia termoeletrica. Com isso, a empresa terá condições de fazer manutenção no atual parque energético, o que não vem sendo possível. Na hora do pi-

que máximo, as usinas de Manaus produzem, juntas, 228 mil kW de energia para 230 mil kW de capacidade instalada. "Se esse pique subir mais, será o caos", prevê o assessor especial da Eletronorte.

Um outro problema que Balbina vem enfrentando é com os indigenistas, que acusam o projeto de sacramentar o extermínio da nação indígena Waimiri-Atroari, que habita a região. O lago artificial deverá atingir duas malocas — as de Taquari e Tapupunan —, onde vivem cerca de 130 índios. Eles foram deslocados para a região do rio Alalaú, ao Norte, 20 quilômetros a Oeste da BR-174, muito longe da inundação de Balbina. A Eletronorte indenizou os índios em mais de Cz\$ 3 milhões pela perda das duas malocas, está custeando a demarcação de sua reserva e tem um convênio com a Funai para a execução, durante 25 anos, de um projeto de assistência econômico-social aos Waimiri-Atroari.

Esses índios, diante da pressão dos indigenistas, foram a Tucuruí no início do ano para ver como funcionava uma hidrelétrica, os efeitos do lago e o comportamento do meio ambiente. Ao retornarem, concordaram, contra a vontade dos indigenistas, em sair das malocas, sem problemas. "Tudo isso desmente e desmistifica as teorias dos cientistas, ecologistas e indigenistas. O projeto Balbina é irreversível e o progresso de Manaus não poderia ser emperrado por teses que não se adaptam à realidade regional", diz o assessor Jaime Pereira, da Eletronorte.